DO PAÇO DOS ESTÁOS AO POSTIGO DE S. ROQUE

MAPA VIII

Saídas da Cidade até ao Século XVI desde os Estáos até às Portas de S.ta Catarina. — Não havia, até ao meado do século XVI, saídas da cidade no Alto do Monte de S. Roque, e as pessoas que da parte baixa da cidade ou do Rossio da Feira quisessem passar para os sítios da Cotovia deviam seguir pelas ruas que conduziam à Rua das Portas de S.ta Catarina e sair pelas mesmas Portas, que eram situadas, como veremos adiante, no sítio do actual Largo do Chiado.

Ou então subir por uma das quatro íngremes ruas que nasciam no lado ocidental do Rossio, e que convergiam num pequeno largo a meio da encosta do Monte de S. Roque, que ficava situado aproximadamente no ponto onde hoje entronca a Calçada do Duque na Calçada do Carmo, seguindo depois pela primeira destas Calçadas até ao Pátio dos escritórios da administração dos Caminhos de Ferro, na Calçada do Duque, e sair por uma porta ou postigo da cidade, que até ao meado do século XVI existiu na muralha da cerca, no lado norte do último mencionado pátio, mesmo em frente do topo setentrional da Rua da Condessa; deste local subiriam por um caminho que atravessava os terrenos hoje ocupados pela Misericórdia, em direcção ao adro da igreja de S. Roque ([235]).

([235]) *Chronica dos Carmelitas*, por Fr. Joseph Pereira de S.ta Ana, tomo I, 1745, pág. 380.

Olivais e Herdades na Encosta dos Montes de S. Roque e do Carmo. — As encostas dos Montes de S. Roque e do Carmo eram ainda sítio mui solitário no primeiro terço do século XVI, e tudo olival, que o Rei D. Manuel mandou derribar por um diploma de 26 de Dezembro de 1500 ([236]) para que não houvesse olivais dentro dos muros da cidade.

Pelo meio dos olivais da encosta foi construída aí a muralha da cerca fernandina, encerrando uma propriedade que Francisco Domingues de Beja e Constança Esteves haviam doado, por 1362 e 63, ao Convento da Trindade, e que foi a origem de uma vila ou bairro que se chamou Vila Nova do Olival ([237]).

Proprietários Locais. — Uma parte desta herdade passou para os frades do Carmo, parece que antes de 1389 ([238]), e chamava-se-lhe Herdade do Conde-Santo ([239]) (Conde de Ourém, Condestável D. Nuno Álvares Pereira). Do lado do poente era limitada pela Rua da Condessa (da Vidigueira), pelo norte pelo desaparecido troço inferior da Calçada do Carmo que começava no Rossio, e pela Calçada do Duque desde a sua inserção na Calçada do Carmo até ao pátio da Calçada do Duque, que foi da Escola Académica.

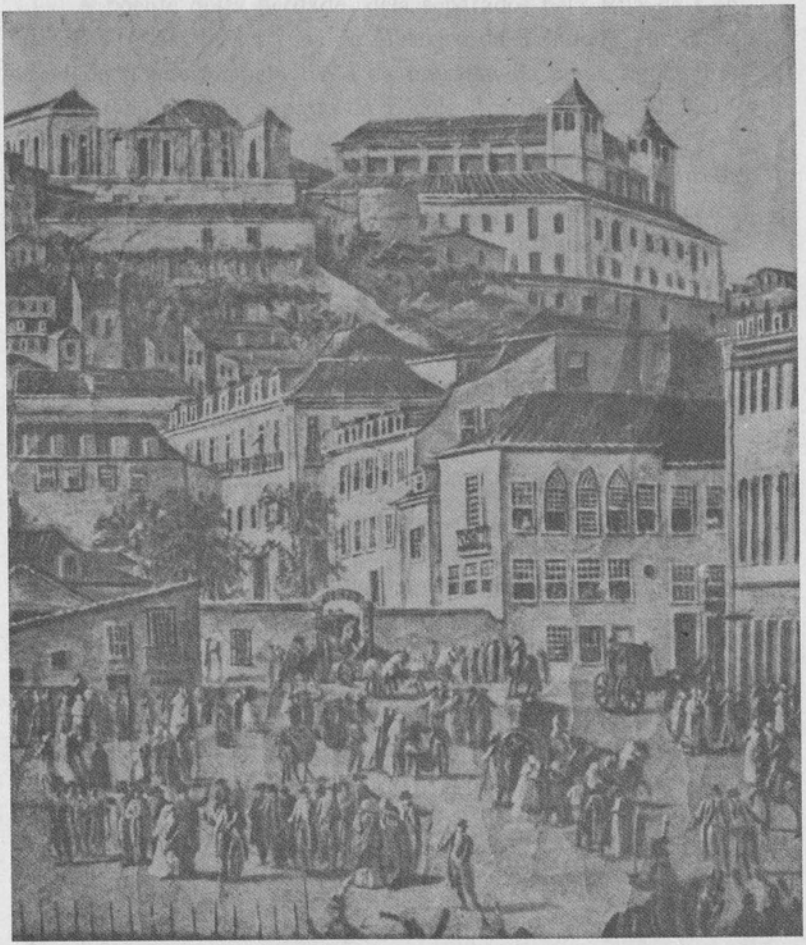
Conquanto este conhecido edifício seja hoje propriedade da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, que aí tem instalados os seus serviços administrativos, continuaremos neste trabalho, para simplicidade e brevidade das referências, a designá-lo pelo nome de *Escola Académica,* sua antiga aplicação.

([236]) *Extremadura,* livro I, fl. 160.

([237]) *O Carmo e a Trindade,* vol. I, pág. 57.

([238]) *O Carmo e a Trindade,* vol. I, pág. 96.

([239]) *Carmo de Lisboa. Livro índice das escrituras de aforamentos que estavam em livros desaparecidos.* B. 47-6, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, fls. 2, 4, 5, 5 v., 6, e muitas outras.



ENCOSTA ORIENTAL DO MONTE DE S. ROQUE EM 1809

No 1.º plano veem-se vários personagens passeando no Rossio
No 2.º plano o Palácio Cadaval (fachadas oriental e sul)
e o portão de entrada do Pátio do Duque
No último plano à esquerda as ruinas do Palácio dos Marqueses de Niza,
e à direita a Igreja e Casa Professa de S. Roque
A Torre do Condestável projecta-se sobre o edifício da Misericórdia

Extracto dum quadro a óleo que representa uma revista passada ao Batalhão do Comércio no Rossio no ano 1809

A poente desta herdade, dela separados pela Rua da Condessa, ficavam os terrenos do Mosteiro da Trindade, limitados, do lado do norte, pelo troço da muralha da cerca de D. Fernando que ia desde o pátio da Escola Académica até ao Largo de S. Roque (hoje Trindade Coelho).

Dois outros proprietários locais havia ainda: o Concelho de Lisboa, ao qual pertencia a muralha e as torres da cerca, assim como a barbacã e alguns terrenos adjacentes; e a Fazenda Nacional, ou o Armazém do Reino, como então se chamava, a qual era senhora do terreno, com o feitio vagamente triangular em planta, ao norte da Herdade do Carmo ou do Conde-Santo, até ao Rossio ao nascente; e até à muralha da cerca que do Paço dos Estáos subia ao Pátio da Escola Académica ([240]).

Restos do Lanço da Cerca até ao Largo de S. Roque. — O tramo ascendente da muralha, desde o Paço dos Estáos, no sítio da actual Praça de D. João da Câmara, até ao Largo de S. Roque (Trindade Coelho), onde existiu uma grande torre chamada de Álvaro Pais ou de S. Roque, foi quase completamente demolido, restando, como pontos certos de referência do traçado, duas torres que à muralha se encostavam, e que ainda se podem ver. Uma terceira torre houve neste lanço da cerca, e todas três se acham marcadas na *Planta da Cidade de Lx.ª*, por J. Nunes Tinoco (1650).

Elementos para a Reconstituição do Traçado. — Todavia, com o auxílio da última e de outras plantas da cidade, com elementos fornecidos pelo *Tombo de 1573*, e ainda com outros, pudemos reconstituir o traçado da muralha, conjecturalmente com certa aproximação nalguns sítios, e noutros com exactidão.

Lanço Ascendente da Cerca que Começava no Paço dos Estáos. — O primeiro lanço da cerca, com a extensão de 185^{m} aproximadamente em planta, ao sair da pequena quadra ou

([240]) Era o Armazém do Reino que aforava este terreno. — Por exemplo: *Chancellaria de D. Filippe III*, livro XX, fl. 307, ano 1631.

recinto contíguo e ao poente do edifício da Inquisição, de que já tratámos, tem a sua direcção inicial marcada na planta do andar térreo deste edifício, desenhada por Mateus do Couto, e subia a encosta até ao sítio do pátio do antigo edifício da Escola Académica, segundo um alinhamento perfeitamente rectilíneo, pelo chão onde existiu o palácio do Duque do Cadaval reconstruído depois do terremoto de 1755, que é onde se acha actualmente o corpo leste-oeste da Estação dos Caminhos de Ferro Portugueses, do Rossio.

1.º Cubelo deste Troço de Muralha. — A planta de Lisboa por J. Nunes Tinoco (1650) mostra um primeiro cubelo pegado à muralha, perto da fachada norte do Palácio Cadaval, que foi provàvelmente demolido para a construção deste palácio, mas cuja situação foi por nós determinada por meio das medidas constantes dum documento do ano 1542, a que adiante nos referiremos demoradamente.

2.º Cubelo.—Mais acima, na encosta, ficava um 2.º cubelo, que ainda se conserva com um pequeno troço de muro contíguo, no canto nordeste do jardim do edifício da Administração dos Caminhos de Ferro. Este cubelo também aparece no canto sudoeste da *gare* da Estação do Rossio, onde se vê formando como que um pilar quadrado, saliente da engra ou recanto da *gare;* e igualmente se divisa no canto do armazém do andar inferior ao da *gare,* onde assenta sobre o massame do alicerce.

O cubelo mede $9^m,75 \times 7^m$ de secção horizontal, e perto dele fica um antigo poço que estava na mata da Casa Cadaval, e que hoje se acha em terrenos da Companhia.

Continuação do Troço Ascendente da Cerca até à Torre do Conde. — A continuação do traçado da cerca para o poente, desde este 2.º cubelo até à grande torre ainda existente situada no edifício da Escola Académica, no topo oriental da Rua da Condessa, a que, para fins de referência continuaremos a chamar pelo nome que já teve, Torre do Conde, desapareceu; mas pudémos reconstituir o seu traçado até ao canto noroeste

do Pátio da Escola, com o auxílio do *Tombo de 1573*, e com os restos de muralhas encontrados ou ainda existentes.

Numa excavação a que, por amabilidade da Direcção da Companhia, se procedeu em Dezembro de 1947, no jardim do edifício junto da sua escada norte, no ponto marcado A no nosso Mapa VIII, lá se encontrou a muralha, com a largura de $2^m,20$, a cerca de $0^m,85$ abaixo do piso actual do jardim.

Examinando-se a planta do pavimento térreo do edifício ainda se descortinam vestígios do traçado da muralha da cerca, próximo da engra ou recanto nordeste do pátio da Companhia, no sítio indicado pela letra B.

No local do prédio a muralha não foi aproveitada para nenhum dos seus muros, pois que atravessava o terreno onde se acha a ala leste-oeste do edifício, um pouco ao norte da sua fachada meridional que deita para o pátio.

Aí virava para o norte, formando um ângulo pouco maior de que recto, e um curto troço de muro ia inserir-se na Torre do Conde. Tal é a disposição que lògicamente se deduz do exame da Planta de Tinoco (1650).

O traçado da cerca formava, no sítio da torre, um recanto para o interior da cidade, do qual sobressaia a torre para o norte, como se vê numa fotografia que possuímos, tirada no ano 1860, anteriormente à construção da ala nascente-poente do edifício; divisa-se também num desenho de Júlio de Castilho datado de 1863 e publicado na sua importante obra *Lisboa Antiga* ([241]), e assim o desenhámos no nosso Mapa VIII.

Nesse recanto estava alojada a escada de acesso ao eirado da torre, em cujo patim superior se abria uma pequena porta, como se vê no citado desenho de Castilho.

Postigo do Conde. — O postigo aberto na muralha da cidade, no pátio da Escola Académica, mesmo em frente da Rua da Condessa, ao poente e contíguo à Torre do Condes-

([241]) *O Bairro Alto de Lisboa*, 2.ª ed., vol. I, pág. 264.

tável, teve primeiro o nome de Postigo do Conde ([242]) (de Ourém), ou do Condestabre (*Condestável*, D. Nuno Álvares Pereira), ou do Santo Condestável ([243]), por estar situado em terrenos da herdade do Conde-Santo, adquiridos por este para a construção do Convento e Igreja do Carmo.

Depois, quando se construiu a Ermida e o Convento ou Casa Professa de S. Roque, que eram os edifícios religiosos que mais perto do postigo ficaram, chamou-se-lhe Postigo de S. Roque ([244]); e ainda mais tarde, quando se rasgou na muralha da cerca, no Largo de S. Roque, um novo postigo (1500), passou este do Pátio da Escola Académica a ser designado, para o diferençar daquele, Postigo Pequeno ou Antigo S. Roque ([245]).

Pouco mais dele se sabe.

Conquanto deva remontar à mesma época da cerca, o mais antigo vestígio documental da sua existência é do ano 1502, em que aparece designado por Postigo do Conde ([246]); foi tapado pouco antes de 1542, como veremos.

Torre do Conde. — Permanece ainda de pé a importante Torre do Conde, no topo norte da Rua da Condessa, encostada à ala nascente-poente do prédio da Companhia dos Caminhos de Ferro e a um grande edifício da Santa Casa da Misericórdia, da banda de fora da cerca fernandina, do que resulta estar presentemente a torre só com duas faces visíveis.

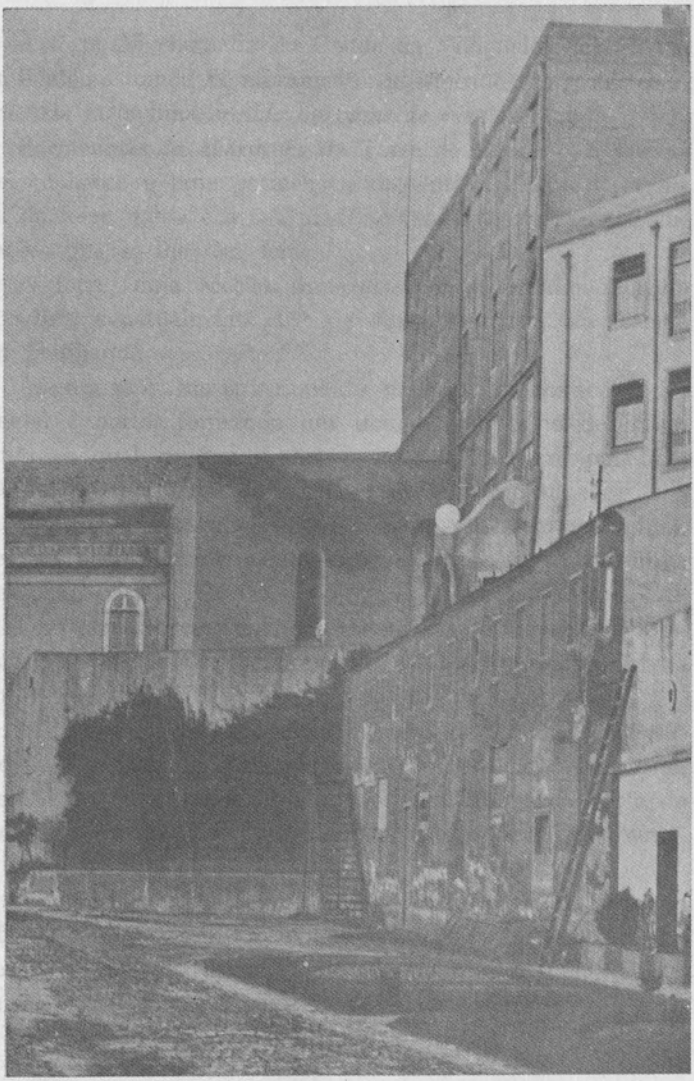
([242]) *Mosteiro da Trindade*, livro 65, fls. 51 v., 55, 58, 61, ano 1502.

([243]) *Chronica dos Carmelitas*, por Fr. Joseph Pereira de S.ta Ana, tomo I, 1745, pág. 380.

([244]) *Mosteiro da Trindade*, livro 70, fl. 190, ano 1516; fl. 187, ano 1517.

([245]) *Carmo de Lisboa*, livro VI, fls. 5 v. e 11.

([246]) *Mosteiro da Trindade*, livro 65, fl. 51 v.



TORRE DO CONDE OU DO CONDESTÁVEL

A torre está ao centro da vista
A abertura em forma de ∩ é a entrada da poterna
que atravessa longitudinalmente a torre no sentido norte-sul
O edifício da direita pertence à S.ta Casa da Misericórdia,
e o da esquerda à Companhia dos Caminhos
de Ferro Portugueses
Vista tirada do terreiro ao norte do edifício da Companhia

Foto Ed. Portugal.

A torre foi chamada do Conde da Vidigueira depois que este fidalgo a tomou de aforamento, nos meados do século XVI, para nela fazer uma *ermida* ou *casas de janelas grandes* ([247]).

Pormenores da Estrutura da Torre do Conde.—É impossível conhecer-se hoje pormenorizadamente a estrutura primitiva da torre, tanta é a sua idade, e tantas têm sido as modificações que se lhe têm feito.

A torre, cuja secção transversal tem aproximadamente $13^m \times 10^m$, e actualmente 16^m de altura, termina em terraço com platibanda.

Assenta sobre um envasamento que a excede dos seus lados oriental e norte, formando um terraço com feitio de L em planta, o qual comunica com o interior da torre por uma poterna, parte em escadaria, na direcção norte-sul.

Mencionemos algumas disposições da sua estrutura actual, que são possìvelmente muito antigas, e talvez da primitiva construção ([248]).

É a torre atravessada por duas galerias transversais sobrepostas, no sentido nascente-poente, isto é, paralelas à sua frente.

A inferior fica pouco acima do nível do 1.º andar do edifício da Companhia, e foi outrora uma cisterna; é hoje uma arrecadação ou arquivo. No topo oriental abre-se a porta de entrada; perto do ocidental, que é fechado, abre-se para cima, na abóbada, o bocal da cisterna.

A superior fica entre os níveis do 2.º e 3.º andares do edifício, e é cruzada por uma outra galeria ou poterna, na direcção norte-sul. No seu topo oriental abre-se uma janela, que na parede fica por cima da porta da galeria inferior.

([247]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 362.

([248]) Estas disposições são colhidas nuns desenhos da torre que gentilmente nos foram facultados pela Direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

A poterna comunica, do lado sul, com o interior do edifício da Companhia, e do norte, por uma escadaria, como dissemos, com o terraço do envasamento da torre.

Barbacã da Cerca. — Ao longo deste lanço do muro, desde o Paço dos Estáos até à Torre do Conde, tinha a muralha uma barbacã, cujas confrontações e medidas eram ([249]):

Sul: Muro da cidade e duas torres; 95 v. ($104^m,5$);

Norte: Chão do Licenciado Lopo Mendes, e chave que faz a barbacã; 95v. ($104^m,5$);

Poente: Torre grande do Conde da Vidigueira, *sobre que tem feito uma ermida;* 5v.3p. ($6^m,16$);

Levante: Chão e parede de um terreno de D. Francisco de Faro; 5v.3p. ($6^m,16$).

Por estas medidas reconhece-se que a distância do cunhal noroeste da primeira torre da muralha do lado das Estrebarias de El-Rei, até à Torre do Conde era $104^m,5$, o que nos permitiu desenhá-la no nosso Mapa VIII na sua situação exacta.

Chave da Barbacã. — Parece que anteriormente ao que considerámos ser o envasamento da Torre do Conde eram dois chãos adjacentes aos lados oriental e norte dela.

O primeiro, onde foi construída a parte oriental do maciço do envasamento, constituia a *chave da barbacã,* cujas confrontações e medidas eram as seguintes ([250]):

Poente: Torre grande do Conde da Vidigueira e o chão de que vamos em seguida tratar; 25,5v. ($28^m,05$);

Norte: Herdade de Diogo Fernandes; 5,5v. ($6^m,05$);

Levante: Herdade do Licenciado Lopo Mendes; 25,5v ($28^m,05$);

Sul: Barbacã do muro; 5,5v. ($6^m,05$).

([249]) Medições e confrontações extraídos do *Tombo de 1573,* livro 1.º, fl. 362. — A numeração dos chãos é a da escritura de aforamento de 16 de Outubro de 1542.

([250]) *Tombo de 1573,* livro 1.º, fl. 362.

Desenhámos este chão ao nascente da torre, formando com a barbacã um ângulo pouco maior do que 90°.

2.° Chão. Ao Poente da Chave da Barbacã. — As confrontações deste chão, ao norte da torre e ao poente da chave da barbacã anteriormente referida, eram as seguintes ([251]):

Sul: Torre grande do Conde da Vidigueira; 9v.1p. (10^m,12);

Poente: Outro chão, de que vamos tratar; 6,25v. (6^m,87);

Norte: Herdade de Diogo Fernandes; 9v.1p. (10^m,12);

Levante: Barbacã aforada ao Conde; 6,25v. (6^m,87).

Este chão topejava na frente norte da torre, onde está hoje o que considerámos o envasamento desta, na sua parte dianteira.

1.° Chão. Ao Poente do Antecedente. — Ao poente da torre e do chão antecedente, fora da muralha da cerca, em frente da Rua da Condessa, ficava um outro chão cujas confrontações e dimensões eram as seguintes ([252]):

Sul: Muro da cidade e postigo de S. Roque, *que ora se tapou;* 6,25v. (6^m,87);

Poente: Pomar do Conde da Vidigueira; 18v. (19^m,8);

Norte: Chão do mesmo; 6,25v. (6^m,87);

Levante: Chão (aliás *torre)* e o chão antecedente; 18v. (19^m,8).

Aforamento dos Chãos Anteriores ao Conde da Vidigueira. — O terreno da barbacã e dos chãos que acabámos de descrever foram todos encabeçados num mesmo aforamento, pela Câmara da Cidade, em 16 de Outubro de 1542, no Almirante Conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, filho de D. Vasco da Gama ([253]):

Diz o documento: *Tres chãos, juntos uns com os outros, ao longo da torre e muro, onde estava o postigo pequeno de S. Roque, da banda da dita Igreja* (de S. Roque), *convém a*

([251]) *Tombo de 1573,* livro 1.°, fl. 362.
([252]) *Tombo de 1573,* livro 1.°, fl. 362.
([253]) *Tombo de 1573,* livro 1.°, fl. 362.

saber: dois chãos ao longo das duas ilhargas da torre que está junto do dito postigo tapado, sobre a qual o Conde da Vidigueira manda ora fazer uma ermida (eram o 1.º e 2.º chãos acima medidos e confrontados, conquanto um deles não ficasse na ilharga mas sim no topo da torre); *e um chão grande que foi barbacã, que está perto dele* (postigo), *ao longo da sobredita torre, e dela vai para baixo ao longo do muro* (da cidade ([254]).

Por estes extractos do documento vê-se que o Postigo Velho ou Pequeno de S. Roque, que existia no muro da cerca, junto da Torre do Conde, foi tapado pouco antes do ano 1542.

O último dos chãos mencionados, onde se abria o Postigo de S. Roque, era porventura o caminho que desse postigo levava ao alto do Monte de S. Roque, mas hoje dificilmente se concebe como seria esse caminho, se atendermos à grande diferença de nível que existe entre o Pátio da Escola Académica, intramuros, e o terreno do outro lado da muralha, fora da cidade, hoje ocupado com várias construções da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Aforamento de Terrenos do Lado Interior da Cerca, na Encosta do Monte de S. Roque. — Os terrenos e casas da parte inferior da encosta, contíguas à cerca fernandina, do lado de dentro da cidade, eram da Fazenda Nacional, como dissemos, e um extenso tracto de terreno com algumas casas foi aforado em 1631, pelo Armazém do Reino, a D. Fernando

([254]) Reconstituímos a topografia do local e o traçado da barbacã com os elementos do *Tombo de 1573*, mas como estes são confusos na falta duma planta da época, confessamos que não ficámos satisfeitos, apesar de toda a diligência que empregámos para a sua exactidão. O mesmo assunto já havia sido tratado, com outras características, pelo nosso amigo G. de Matos Sequeira, no seu excelente trabalho *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 271.

de Faro ([255]), Senhor da Vila do Vimieiro, que alegou estar de posse do mesmo terreno desde mais de 40 anos ([256]).

Esta propriedade confrontava do norte com casas *que foram de Jorge de Albuquerque* ([257]), *que estão junto com o muro da cidade*, na extensão de 94 côvados (62^{m},04); pelo levante partia com os Estáos, onde tinha 74 côvados (48^{m},84) de comprimento, incluindo nele a largura do Corredor, ou Beco do Corredor, que ficava da banda de fora do pátio da entrada, ao lado dos Estáos. Do poente confrontava com o sítio e muro do jardim que foi do Conde de Faro ([258]), 65 côvados (42^{m},9); e do sul com casas foreiras ao dito Armazém e com outras de particulares, medindo 102 côvados (67^{m},32).

Começava no sopé do monte de S. Roque, e chegava pouco mais ou menos até à segunda rampa de acesso à Estação do Rossio ([259]).

Pátio da Fruta e Beco do Corredor. — No interior desta propriedade havia um grande pátio, que em 1699 se chamava Pátio da Fruta, com serventia pelo Beco do Corredor, cuja entrada ficava no canto do antigo Rossio, ao lado do Palácio dos Estáos. Correspondia aproximadamente ao desaparecido Pátio do Duque do Cadaval, e ao actual Pátio da Companhia dos Caminhos de Ferro, onde estão os armazéns de despacho das mercadorias.

Passagem da Propriedade para a Casa Cadaval. — A Casa de D. Fernando de Faro passou para seu irmão D. Francisco,

([255]) D. Fernando de Faro era neto, pelo lado materno de Jorge de Albuquerque, e bisneto, pelo lado paterno do 1.º Conde de Faro. — V. *Familias de Portugal*, título Faros, por Jacinto Leitão Manso de Lima, fl. 344 v.

([256]) *Chancelaria de D. Filipe III*, livro XX, fl. 307.

([257]) Avô do enfiteuta D. Fernando de Faro.

([258]) Bisavô paterno do enfiteuta.

([259]) A linha de contorno que traçámos desta propriedade no Mapa VIII é apenas aproximada, porque faltam elementos para bem a definir.

pai de D. Maria de Faro, que veio a casar com D. Nuno Álvares Pereira de Melo, Duque do Cadaval; e assim entrou a propriedade nesta Casa titular, que a tomou de aforamento ao Armazém do Reino em 1699 ([260]).

Casas Presumíveis no Sítio e Antecessoras do Palácio Cadaval Reconstruído depois de 1755. — As casas de Jorge de Albuquerque, estando contíguas à muralha da cerca, como diz o documento de aforamento citado, deviam ficar no sítio e ser as antecessoras do Palácio do Duque de Cadaval, no Rossio, reconstruído depois do terremoto de 1755.

O genro deste Albuquerque, D. Francisco de Faro, pai de D. Fernando de Faro, que tinha também uns terrenos fora da cidade, contíguos à muralha, entre o 1.º cubelo do lado dos Estáos e este edifício ([261]), ficou assim senhor dos terrenos intra e extramuros, na base do Monte de S. Roque.

Propriedade do Conde de Faro, Intramuros, na Encosta do Monte de S. Roque. — Ao poente e contígua à propriedade de D. Francisco de Faro, que, como dissemos, começava no Rossio junto aos Estáos e se prolongava pela encosta acima, existia uma outra que era pertença do Conde de Faro, a qual, a partir daquela, chegava até ao sítio do pátio da Escola Académica; o seu jardim ficava sobranceiro ao Pátio da Fruta, aproximadamente ao fundo ou na extrema ocidental do actual Pátio da Companhia dos Caminhos de Ferro, na Rua do 1.º de Dezembro, onde está a segunda rampa de acesso à estação do Rossio, como dissemos.

Aforamento do Muro da Cerca a D. João de Faro. — O troço do muro da cidade que limitava, pelo norte, a propriedade do Conde de Faro, na extensão de $110^{m},7$, e ao qual ficavam contíguos os jardins do palácio, foi aforado pela

([260]) *Chancellaria de D. Pedro II*, livro XXV, fls. 363 e segs.
([261]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 362.

Cidade a D. João de Faro em 1582 e pelo seu falecimento passaram as casas e o muro a D. Estêvão de Faro, seu irmão ([262]).

Comparando as medidas e as confrontações, reconhece-se que este lanço de muro é o que ficava contíguo e ao longo da barbacã que havia sido aforada pela Cidade em 1542 ao Conde Almirante D. Francisco da Gama.

Pátios da Calçada do Duque depois do Terremoto de 1755. — A propriedade a meia encosta, do lado interior da cerca, que foi dos Condes de Faro, passou para a posse da Casa Cadaval antes do terremoto de 1755.

Depois do sismo foi o terreno dividido em lotes para construção de habitações, entre as quais o palacete de Caldas Aulete, de que nos vamos ocupar, e várias casas que tinham a serventia para dois pátios, chamados do Penalva de Cima, e de Baixo, os quais pertenciam ao Marquês de Penalva, que também era possuidor aí de algumas propriedades. Desapareceram todas, absorvidas pelas construções que no local fez a Companhia dos Caminhos de Ferro.

Palácio Caldas Aulete, na Calçada do Duque. — O Contador da Relação e publicista Francisco José Caldas Aulete, além de outras aquisições territoriais que fez no local, comprou a parte mais alta da propriedade que havia sido dos Condes de Faro, que então pertencia à Casa Cadaval, tanto intra como

([262]) *Tombo de 1573*, livro 2.º, fl. 52. Neste aforamento as confrontações e medições do muro da cidade eram : Norte: barbacan serventia de agua que vem de S. Roque : 100v.3,5p. ($110^m,7$); Levante (aliás *poente)* : torre e casas do Conde da Vidigueira : 2v. ($2^m,2$); Sul: jardim de D. João de Faro : 100v.3,5p. ($110^m,7$); Poente (aliás *levante)* : casas e varanda de D. Francisco de Faro 2v. ($2^m,2$). O aforamento da barbacã feito em 1542 a D. Francisco da Gama media 95v. *(barbacã)* + 5,5v. *(largura da chave)* = $110^m,55$.

D. João e D. Estêvão eram bisnetos do 1.º Conde de Faro, e primos de D. Fernando de Faro, enfiteuta do prazo de que anteriormente tratámos.

extramuros da cidade, incluindo a Torre do Condestável, e começou, cerca do ano 1836, a regularizar e aformosear o local.

No sítio onde havia existido o picadeiro da casa Cadaval, que estava situado em parte do chão onde é hoje o Pátio da Escola Académica, traçou Caldas Aulete o pátio de entrada de uma casa apalaçada, que construiu, por 1837, no lado oriental do referido pátio, e um jardim com a sua testada ao longo da frente do palacete voltada para o oriente.

No lado sul do pátio existia, onde está o gradeamento sobre a Calçada do Duque, um pequeno prédio ([263]) que foi demolido por 1863, quando se começaram as obras do edifício da Escola Académica.

A casa nobre de Caldas Aulete ia desde a Calçada do Duque até à muralha da cerca, no sentido sul-norte, e tinha só primeiro andar para o lado do pátio, belos salões, assim como um vestíbulo de entrada oitavado, que ainda se conserva.

Não existia então a ala poente-nascente do edifício, e erguia-se patente no pátio a muralha e a Torre do Condestável. Distingue-se este troço da muralha e a torre na fotografia de 1860, a que atrás nos referimos.

Ao palácio pertencia uma faixa de terreno, coberto de mata, recortado da cerca da Casa Cadaval, confrontando pelo poente com a cerca da Misericórdia, e que se prolongava até à Calçada da Glória.

Reparação da Muralha e da Torre. Lápide Comemorativa das Obras. — A torre e a parte da muralha da cerca de D. Fernando que formava o fundo do pátio do palacete foram reparadas por Caldas Aulete, e para memória mandou este embeber uma lápide de mármore no alto da Torre, na

([263]) Pode ver-se a sua situação e aspecto no citado desenho de Júlio de Castilho.

ENCOSTA ORIENTAL DO MONTE DE S. ROQUE EM 1860

Ao centro da estampa vê-se a Torre do Condestável, por trás de um cipreste
A casa que lhe fica à frente é o Palacete de Caldas Aulete

Foto da época, de autor desconhecido.

parede fronteira à Rua da Condessa. Na lápide estava esculpida a seguinte inscrição, que ainda existe:

ESTE LANÇO DO MURO, QUE ELREY
D. FERNANDO ACABOU EM 1413
FOI CONSERVADO E REPARADO POR
FRANCISCO JOSÉ CALDAS AULETE
EM 1840

A data 1413 refere-se à era de César, e corresponde ao ano 1375 de Cristo em que ficou concluída a construção da cerca.

Adaptação do Palácio a Escola Académica. — O palácio, depois de ter sido habitado pelo seu proprietário e por outras pessoas, foi vendido, cerca de 1863, com os seus terrenos, a António Florêncio dos Santos, director da Escola Académica, que fez a sua adaptação a este bem conhecido estabelecimento de ensino, acrescentando-lhe mais dois andares, e construindo-lhe a ala nascente-poente, o que fez desaparecer o resto da muralha, e quase ocultar a Torre do Condestável, assim como o seu envasamento, que só permanecem visíveis do lado norte do edifício ([264]).

Venda do Palácio à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses. Reparações na Torre do Condestável. — O edifício da Escola Académica foi vendido em 1927 à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, que nele fez algumas obras de adaptação à sua nova aplicação, e repôs a Torre do Condestável, tanto quanto possível, no seu antigo aspecto.

As construções que se achavam sobre a torre e o envasamento foram demolidas, e os seus terraços ficaram livres e desobstruídos.

([264]) Extrato da notícia sobre o palácio de: *Archivo Pittoresco*, vol. VII, 1864, págs. 305 e 306, e de: *Lisboa Antiga*, 1.ª parte, *O Bairro Alto*, por J. de Castilho, 2.ª ed., 1902, capítulo XX.

A lápide com a inscrição foi embebida no muro ocidental que se eleva do terraço da torre, dividindo-o do corpo de edifício da Santa Casa da Misericórdia que se construiu contíguo a ela.

Grande Extensão das Propriedades da Casa Cadaval na Encosta de S. Roque em 1755. — A Casa Cadaval era proprietária, por ocasião do terremoto de 1755, dum extenso tracto de terrenos de mata e horta na encosta do Monte de S. Roque, tanto do lado sul da muralha fernandina como extramuros, nos quais já estava incorporada a parte sul da Horta da Mancebia.

Parece que próximo do Palácio da Inquisição estava a muralha da cerca fernandina, em terrenos da Casa Cadaval, furada em arco ([265]) (que não era o Postigo das Estrebarias de El-Rei, já de há muito desaparecido), que estabelecia a comunicação do antigo Pátio do Duque, intramuros, com a propriedade do Duque, extramuros, isto é, com o sítio onde fora a horta mencionada.

A propriedade tinha uma grande extensão, indo desde o Rossio até ao Pátio da Escola Académica, medindo 170^{m} nesse sentido, e desde o actual começo inferior da Calçada do Duque, no fim da segunda rampa de acesso à estação do Rossio, até 160^{m} aproximadamente para o norte.

Confrontava pelo poente com a cerca da Casa Professa de S. Roque; pelo norte com esta cerca e com jardins do Conde de Castelo Melhor; pelo nascente com a Inquisição; e pelo sul com a Calçada do Duque.

A sua linha de contorno era mui irregular; pode ver-se na planta da propriedade levantada depois do terremoto, que se guarda no Arquivo Nacional da Torre do Tombo ([266]), e bem assim na estampa em frente da pág. 54 da *Lisboa Antiga,*

([265]) *Demonstração Histórica,* etc., por Fr. Apolinário da Conceição, 1750, pág. 176.

([266]) *Tombo de 1755, Bairro do Rocio.*

PALÁCIO CADAVAL NA ANTIGA RUA DO PRÍNCIPE

Demolido em 1880 para a construção da Estação do Rossio
Em cima, por sobre o telhado, vê-se a Torre do Condestavel
No 1.º plano, à esquerda, o portão de entrada
para o Pátio do Duque

Fotografia do ano 1881.

2.ª parte, 2.ª ed., vol. X, onde tem a rubrica *Palácio e terrenos do Duque do Cadaval,* e se vê a sua correspondência com a actual região da cidade.

Modificações na Propriedade da Casa Cadaval depois do Terremoto de 1755. — Depois do cataclismo de 1755 a topografia do local modificou-se consideràvelmente.

A linha dos limites da propriedade da Casa Cadaval, do lado de fora da cerca, regularizou-se, provàvelmente por meio de trocas, e o terreno ficou sensìvelmente com a forma dum paralelogramo obliquângulo em planta, Mapa VIII, cujos lados tinham cerca de 95^m e 60^m de comprimento. Do poente ficou confrontando com a cerca da Misericórdia, do norte com jardins e mata do Conde de Castelo Melhor, e do nascente com quintais e pátios dos prédios que foram construídos do lado norte da Rua do Príncipe, e com esta rua.

Rua do Príncipe e Prédios nela Construídos no Lado Ocidental. — No terreno onde havia sido a Horta da Mancebia, e que estava incorporado, em parte, nas propriedades das Casas Cadaval e Castelo Melhor, rasgou-se a rua que se chamou Rua do Príncipe, de que já tratámos, restando-nos mencionar o que se fez do lado ocidental desta via pública.

Construiram-se aí cinco grandes prédios, um dos quais, esquinando para o Pátio do Duque (do Cadaval), era o novo palácio deste titular, que ficou com uma frente para a Rua do Príncipe, e a fachada principal voltada ao sul, para o pátio sucessor do Pátio da Fruta; este mudou o nome para Pátio do Duque, ou do Duque do Cadaval ([267]).

Os restantes quatro prédios entestavam, pelos seus pátios ou jardins que lhes ficavam nas trazeiras, com as hortas e matas das duas referidas casas titulares, situadas num nível mais elevado e estendendo-se pela encosta acima.

([267]) *Regulamento para o Estabelecimento da Pequena Posta,* 1801, pág. 62.

Estação dos Caminhos de Ferro do Rossio. — O local acabou de se transformar com a construção da Estação Central dos Caminhos de Ferro e do seu anexo, destinado originàriamente a hospedaria e a botequim, tendo estes edifícios ficado em terreno parte intra e parte extramuros da cidade medieval.

A Companhia expropriou uma grande faixa de terreno, desde as Calçadas do Carmo e do Duque até à da Glória, através das hortas e matas das Casas Cadaval e Castelo Melhor.

A demolição dos prédios da Rua do Príncipe para a construção do edifício da estação e do seu anexo começou em 1887. Por escritura de 9 de Maio de 1927 adquiriu a Companhia o edifício e terrenos da Escola Académica, ampliando desta forma a sua propriedade e as suas instalações.

Esta estação e o seu anexo são de todos bem conhecidos, e não faremos aqui a sua descrição.

A ala nascente-poente da estação foi construída aproximadamente sobre os próprios alicerces do Palácio Cadaval, e o corpo norte-sul da estação e do anexo nos chãos das casas expropriadas da Rua do Príncipe, e dos jardins e matas das duas casas fidalgas mencionadas.

A fachada principal da estação e do anexo ficou recuada uns 8^{m} relativamente às dos antigos edifícios da Rua do Príncipe, que substituiram.

A inauguração da Estação do Rossio efectuou-se no dia 11 de Junho de 1890, e o túnel do Rossio, que a liga com a estação de Campolide, decretado em 8 de Abril de 1887, foi inaugurado em 8 de Abril de 1889 ([268]).

Muralha desde o Postigo do Conde até ao de Álvaro Pais. — Do Postigo do Conde continuava a muralha o seu trajecto ascendente para o alto do Monte de S. Roque, até

([268]) Vejam-se os jornais da época e as gravuras em: *O Occidente*, 12.º ano, n.º 372, de 21 de Abril de 1889, pág. 93. — *Idem*, 13.º ano, n.º 414, de 21 de Junho de 1890, pág. 141.

uma grande torre que foi conhecida por Torre de Álvaro Pais, e que ficava no saliente noroeste da cerca fernandina.

Este lanço de muralha desapareceu completamente assim como a torre; mas a Planta de Lisboa por J. N. Tinoco (1650) mostra-nos o seu traçado em alinhamento rectilíneo entre as duas torres, do Conde e de Álvaro Pais, limitando a parte urbanizada que ficava do lado interior da cidade, e correspondendo em direcção à frente do Palácio do Marquês de Niza que deitava para o pátio do palácio, ao norte; conjecturámos por isso que o muro desta fachada seria o próprio muro da cerca.

Postigo Novo de S. Roque. — Ao lado sul da Torre de Álvaro Pais, e mui perto dela, abria-se na cerca um postigo que teve o nome de Postigo Novo do Conde (1502) ([269]), ou Postigo de S. Roque, ou Postigo Novo de S. Roque, que dava saída para o terreiro de S. Roque, e para os arrabaldes das bandas ocidental e norte da cidade.

O postigo não existia antes do fim do século XV, quando intramuros havia aí o olival da herdade dos frades trinitários; só depois de 1500, tendo-se aberto o troço superior da Calçada do Duque, desde a Rua da Condessa até ao Largo de S. Roque, e começado a urbanizar-se o local que constituiu a Vila do Olival, é que nasceu a necessidade de se abrir o novo postigo em S. Roque ([270]).

E como tanto este postigo como o que existiu no topo da Rua da Condessa no Pátio da Escola Académica, se chamavam de S. Roque, para os diferençar passaram a designar Postigo Novo e Postigo Velho ou Antigo, respectivamente o

([269]) Citação em: *O Carmo e a Trindade*, por G. de M. Sequeira, vol. I, pág. 168.

([270]) Parece que o postigo ainda não existia em 1502, ou que foi aberto nesse ano, porque a referência à rua que nele veio a terminar ainda num documento desse ano é assim redigida: *rua que vem da escada da Torre de Alvaro Pais para o postigo do conde* (*Mosteiro da Trindade*, livro 65, fl. 58).

do Largo de S. Roque, e o da Rua da Condessa. ...*chão na rua de Alvaro Paes que está indo do Postigo Velho de S. Roque para o Postigo Novo, ao longo do muro da cidade* ([271]).

A sua situação, no actual Largo Trindade Coelho, era em frente da embocadura da Calçada do Duque, junto à pilastra divisória das fachadas dos dois prédios que fecham pelo sul o referido largo.

O postigo novo era uma simples abertura na muralha, com suas portas de madeira ([272]), o qual foi mais tarde transformado em arco, Arco de S. Roque, rematado com *huma fermosa estátua do mesmo Santo* ([273]).

As dimensões do arco, tomadas numa planta do Largo de S. Roque do princípio do 2.º quartel do século XIX, eram $2^{m},44$ de largura, por $2^{m},20$ de espessura do muro.

Foi demolido em 1837 ([274]), para aformoseamento do Largo de S. Roque.

No século XVII, na previsão dum ataque a Lisboa, propôs-se, na primeira vistoria (em 1625) aos muros e portas da cerca fernandina: *tapar o Postigo de S. Roque, e fazer-lhe* (à frente dele) *hum paredão do cunhal das casas de Dom Henrrique* (de Noronha, que ficavam ao ocidente do postigo), *ao cunhal das outras casas fronteiras* (às anteriores), *o q^l paredão uirá* (subirá) *no oliuel* (nível) *das ultimas janellas das casas de Dom Henrrique de Noronha, que terá des palmos de groço, com suas ameas, como terão* (têm) *os mais. Levantar e engroçar a parede donde está a porta do patteo das casas do conde da Vidig.^ra, que topa em São Roq̃* (no adro da igreja), *daltura e grossura do atras; e tapar as portas e janellas das casas do mesmo conde para o seu pateo; e massicar o arco que está na sua torre* (de Álvaro Pais), *da banda de Dom Es-*

([271]) *Mosteiro da Trindade*, livro 75, fl. 207, ano 1565.

([272]) *Elementos*, etc., tomo V, pág. 202.

([273]) *Chronica dos Carmelitas*, por Fr. Joseph Pereira de Sta Ana, tomo I, 1745, pág. 380.

([274]) *Archivo Pittoresco*, vol. VII, 1864, pág. 306.

levão (de Faro, isto é, da banda oriental). Ainda outras providências foram propostas com o fim de se vedarem todas as aberturas da muralha da cerca e das casas a ela contíguas, para melhor assegurar a defesa da cidade ([275]).

Na segunda vistoria (1650) verificou-se que o postigo de S. Roque tinha portas com fechadura e ferrolho ([276]).

Estátua de S. Roque. — A imagem de S. Roque que foi colocada sobre o Postigo ([277]) era uma escultura de pedra do século XVII, e ali se conservou até à demolição do Arco em 1837.

Acha-se actualmente no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, no Carmo, no qual deu entrada em 1899, ida de um corredor do edifício da Santa Casa da Misericórdia, onde estava em depósito ([278]).

Torre de Álvaro Pais. — No vértice do saliente noroeste da cerca fernandina ficava situada a já mencionada Torre de Álvaro Pais, cuja denominação remontava, pelo menos, ao ano 1429 ([279]).

Este cidadão, nobre e rico, que legou o nome à torre, foi, como se sabe, Chanceler dos reis D. Pedro I e D. Fernando, e padrasto de João das Regras, e tinha provàvelmente residência ou propriedades no local ou vizinhança da torre ([280]).

([275]) *Elementos*, etc., tomo III, pág. 168.

([276]) *Elementos*, etc., tomo V, pág. 202.

([277]) *Demonstração Historica*, etc., por Fr. Apolinário da Conceição, 1750, fl. 196.

([278]) *Boletim da Real Associação dos Archeologos Civis e Architectos Portuguezes*, tomo VIII, 1898, págs. 41, 70 e 97. — Uma estampa com a fotografia da imagem acha-se em *O Carmo e a Trindade*, por G. de Matos Sequeira, vol. II, em frente da pág. 182.

([279]) *Convento da Trindade*, maço 1, n.º 30. — Fernão Lopes, que escrevia por 1434-1454, cita-a sempre com este nome. V. *Chronica delRey D. Ioam I*, 1.ª parte, 1644, pág. 205.

([280]) No princípio do século XVI vivia um Álvaro Pais, pedreiro, que tomou de aforamento ao Mosteiro da Trindade um chão nas vizinhanças do Postigo do Conde. Não foi este, todavia, quem deu o nome à torre. — *Mosteiro da Trindade*, livro 65, fl. 65, ano 1502.

Escada para o Adarve do Muro. — Junto da Torre de Álvaro Pais, do lado interior da cidade, ficava a escada de pedra que conduzia ao adarve da muralha, e daí ao eirado da torre: *rua que vem da escada da torre de Alvaro Pais* (troço superior da Calçada do Duque) *para o postigo do Conde* (1502) ([281]); *entestam* (uns chãos) *com o muro da torre de Alvaro Pais, e com escada do dito muro* (1535) ([282]); *...escada de pedra que vai para o dito muro* (1565) ([283]).

Marcámos, no nosso Mapa VIII, a situação conjectural da escada.

Demolição da Torre de Álvaro Pais. — A torre ficou mui arruinada pelo terremoto de 1755, como mostra a vista bastante fantasiada, mas mui vulgarizada, da colecção de gravuras de Filippe Le Bas (1757) ([284]), e foi completamente demolida em 1837.

Terrenos da Trindade e da Cidade. — Pelas confrontações que constam das escrituras de aforamento nos Tombos do Mosteiro da Trindade sabe-se que os terrenos intramuros que se estendiam pela encosta, desde a Rua da Condessa ao nascente, a muralha da cerca fernandina ao poente e ao norte, e o sítio da actual Rua da Trindade, pertenciam àquele mosteiro, e faziam parte da doação de Domingos de Beja e Constança Esteves aos frades trinitários em 1362-63.

A muralha, as torres da cerca, a barbacã, e os terrenos adjacentes a elas, da banda de fora da cidade, eram da Câmara.

Vila Nova do Olival. — Tendo sido mandados derribar em 1500 os olivais que havia dentro da cidade, como os campos ficaram por isso *maninhos, sem delles haverem* (os

([281]) *Convento da Trindade,* livro 65, fl. 58.

([282]) *Convento da Trindade,* livro 70, fl. 217.

([283]) *Convento da Trindade,* livro 75, fl. 207.

([284]) V. *Colleção De algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de Novemb.ro do anno 1755,* desenhadas por MM. Paris e Pedegache, e gravadas a buril por Jac. Ph. le Bas, 1757.

frades da Trindade) *nenhum fructo nem proveito*, o Convento da Trindade, seu proprietário, *para serviço de Deus, e prol e proveito do dito mosteiro*, rasgou neles várias ruas, e aforou os chãos para construção de casas. Assim se originou a *Villa do Olival*, ou *Villa Nova do Olival*, denominação que, contudo, parece não ter passado do meado do século XVI ([285]).

Rua de Álvaro Pais. Calçada do Duque. — Uma das primeiras ruas que, segundo esse plano de urbanização (se é que o havia) se rasgou nos campos do olival, foi a que ligava a Rua da Condessa com o Postigo de S. Roque, representada actualmente pelo troço superior da Calçada do Duque, e que se chamou Rua de Álvaro Pais, ou Rua que vem da Torre de Álvaro Pais para o Postigo do Conde (de Ourém) ([286]).

Álvaro Pais, que já tinha dado o nome à torre, deu-o também à rua ([287]): Rua de Álvaro Pais, que vai de Postigo a Postigo (postigo velho e novo de S. Roque) ([288]).

Pelo meado do século XVI o Chanceler de D. João I foi posto de banda, e começou-se a aplicar ao nome da rua o título do novo grande proprietário local: Rua do Conde da Vidigueira (1554) ([289]).

Mais tarde incorporou-se nesta rua o troço que ia do Rossio para a Rua da Condessa, e a via pública passou a ser designada por várias perífrases, tais como: Calçada que vai de Valverde para o Postigo de S. Roque (1553) ([290]), e

([285]) *Mosteiro da Trindade*, livro 70, fl. 190, ano 1516; fls. 217 e 221, ano 1535; fl. 256 v., ano 1543; etc.

([286]) *Mosteiro da Trindade*, livro 65, fl. 51 v., ano 1502. — *Idem*, fl. 58, ano 1502.

([287]) *Mosteiro da Trindade*, livro 70, fl. 187, ano 1517.

([288]) *Mosteiro da Trindade*, livro 75, fl. 118, ano 1562.

([289]) *Summario*, por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pág. 11. — *Livro do Lançamento e Serviço*, etc., 1565, fl. 249.

([290]) *Chancellaria de D. João III*, livro LVI, fl. 238 v.

também Calçada de S. Roque ([291]) e Calçada do Postigo de S. Roque (1763) ([292]).

A certa altura da encosta oriental do Monte de S. Roque unem-se a Calçada do Carmo (antiga Calçada da Portaria do Carmo) e a Calçada do Duque (do Cadaval). Esta segunda via pública começou a chamar-se Calçada do Duque, até à Rua da Condessa, depois que o Duque de Cadaval tomou de aforamento em 1699 uma extensa propriedade, que descrevemos, cuja frente sul confinava com a calçada. Da Rua da Condessa para cima chamava-se Rua do Postigo de S. Roque ([293]), ou Calçada de S. Roque.

Em 1780 ainda assim acontecia, como pode ver-se na planta da Freguesia do Sacramento que faz parte do *Plano de Divisão e Translação das Parochias de Lisboa,* aprovado pelo alvará régio de 19 de Abril desse ano.

Actualmente o nome Calçada do Duque aplica-se à via pública em escadaria que começa na Calçada do Carmo, no alto da segunda rampa de acesso à estação de Caminho de Ferro do Rossio, e termina no Largo de S. Roque ([294]).

Aforamentos ao Conde da Vidigueira do Lado de Dentro da Cerca Fernandina. — Nos chãos intramuros aforados pelo Convento da Trindade, geralmente a artífices ou operários, foram-se construindo pequenas habitações, até que, por 1542 ([295]), o Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama,

([291]) *Livro do Lançamento e Serviço,* etc., 1565, fl. 237 v.

([292]) *Corografia Portugueza,* pelo P.e A. C. da Costa, tomo III, 1712, pág. 459. — *Livro da Fazenda do Convento da Trindade,* n.º de ordem 452, fl. 177, ano 1763. — *Mappa de Portugal,* por J. B. de Castro, tomo III, 1763, pág. 414.

([293]) *Chronica dos Carmelitas,* por Fr. Joseph Pereira de S.ta Ana, tomo I, 1745, pág. 380.

([294]) *Regulação para o Estabelecimento da Pequena Posta,* 1801, pág. 60.

([295]) *Convento da Trindade,* livro 42, fl. 243 (ano 1542); fl. 254 (ano 1543).

filho de D. Vasco da Gama, tendo em mira a construção duma habitação ou de um palácio, começou a tomar de aforamento ou comprar algumas dessas casas e chãos intramuros, junto do troço da muralha que ia desde o pátio da Companhia dos Caminhos de Ferro até à Torre de Álvaro Pais.

Umas dessas casas que em 1502 haviam sido aforadas pelo Mosteiro da Trindade a um pedreiro e dois barbeiros ([296]) ficavam situadas no lado ocidental do Pátio da Escola Académica, e correspondia-lhes, da banda de fora da muralha, o chão comprado pelo Conde em 1542, onde presumimos que teria sido o caminho que, saindo do Postigo do Condestável, levava ao alto do Monte de S. Roque.

Aforamentos ao Conde da Vidigueira do Lado de Fora da Muralha da Cerca. — Além dos chãos extramuros encabeçados pela Cidade no Conde-Almirante, desde a Torre do Conde pela encosta do Monte de S. Roque até à primeira torre do lado das Estrebarias de El-Rei, de que já tratámos, o mesmo fidalgo tomou também de aforamento vários chãos desde aquela torre até ao alto do monte, dos quais passamos a tratar.

Pomar do Conde da Vidigueira Junto ao Mosteiro de S. Roque. — Em 1543 a Câmara aforou ao Conde da Vidigueira *um chão em que está feito um pomar, todo cercado de parede muro, junto do mosteiro de S. Roque, entre as crestas do dito mosteiro e o muro antigo da cidade, da banda do sul* ([297]).

Este pomar partia com um chão que havia de ficar em adro de igreja, e media, desde o cunhal da Torre de Álvaro Pais até o cabo de uma parede de taipa, que devia estar defronte do convento: 14v. (15^{m},4); do norte partia com crasta nova a igreja: 38v. (41^{m},8); do levante, com chão e pomar

([296]) *Mosteiro da Trindade*, livro 65, fl. 61; *Idem*, livro 70, fl. 243.

([297]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 361.

do conde; 23v.1,5p. (25^m,8); do sul com o muro antigo e a torre, e media, *até chegar à esquina dele* (muro e torre) *da banda do adro, e à feição dele* (muro): 54v.2p. (59^m,8).

Reconhece-se que este pomar entestava do poente com o futuro adro de S. Roque, e do nascente com outro pomar aforado ao mesmo conde, sendo o comprimento deste chão aproximadamente 55^m, ao longo do muro da cidade.

Outro Pomar do Conde da Vidigueira. — Ficava outro chão de pomar entre o anterior e o chão constante de um aforamento de que já tratámos, para o qual se abria o Postigo Antigo de S. Roque, e que do poente partia com *pomar do dito senhor conde,* na extensão de 18v. (19^m,8), como vimos. Este outro pomar devia medir aproximadamente uns 23^m de comprimento ao longo da muralha da cerca.

Estava assim o Conde da Vidigueira senhor, em 1543, duma extensa faixa de terreno, extramuros da cidade, contígua à muralha fernandina, desde o adro da Igreja de S. Roque até à primeira torre da muralha do lado do edifício dos Estáos, na extensão aproximada de 200^m.

Aforamento da Torre de Álvaro Pais ao Conde da Vidigueira. — Foi a Torre de Álvaro Pais aforada ao Conde da Vidigueira em 1543, assim como a Torre do Condestável, e *o muro e serventia das mesmas torres que estão ao postgo* (antigo) *de S. Roque, para poder nelas edificar casas* ([28]).

Da Torre de Álvaro Pais Devassavam-se as Cercas dos Conventos da Trindade e de S. Roque. — Como da Torre de Álvaro Pais se devassavam o Convento da Trindade e a cerca da Casa Professa de S. Roque, celebrou em 1565 o Conde da Vidigueira um contrato com a Câmara de Lisboa e o prior da Trindade, a fim de *que a torre que está no canto do muro defronte do mosteiro de S. Roque* (Torre de Álvaro Pais)

([298]) *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique,* livro XII, fl. 125 v., documento do ano 1563.

esteja sempre tapada, de maneira que se não sirva (o Conde) *dela, por* (para) *não descobrirem os ditos mosteiros de S. Roque e da Trindade* ([299]).

Mais tarde, em 1619, suscitou-se nova questão entre o Almirante D. Francisco da Gama, neto do fundador da Casa dos Gamas, e os padres da Companhia de Jesus, pelo mesmo motivo de se devassar da Torre de Álvaro Pais a cerca dos Jesuítas.

Palácio do Conde da Vidigueira. — Nesta região superior da encosta do monte, tanto intra como extramuros, construiu o Conde da Vidigueira, pelo meado do século XVI, o seu palácio, que o terremoto de 1755 derrubou.

No lado de fora da cerca, na parte da propriedade que havia sido pomares de laranjeiras, fez-se um grande pátio, *que topa em São Roq̃*, e que se prolongava pela encosta abaixo até à Torre do Conde, como se vê no nosso Mapa VIII, dentro do qual estavam, ao sul a entrada principal do palácio, e ao norte as cavalariças.

O palácio tinha uma frente para a Calçada do Duque, desde o Largo de S. Roque até à Rua da Condessa, e outra para o norte, deitando para o pátio do Palácio. Provàvelmente, como dissemos, seguia esta última fachada pelo local da muralha da cerca, que nesse sítio teria sido demolida ou aproveitada.

Uma terceira frente, orientada para o nascente, sobre o mencionado Pátio da Escola Académica, onde haviam sido as casas do pedreiro e dos dois barbeiros, tinha as vistas desembaraçadas sobre a encosta do Monte de S. Roque, defrontando a colina do Castelo de S. Jorge.

([299]) *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, livro XVI, fl. 290, ano 1565.

Existe uma vista do palácio, do ano 1809, num quadro que tem sido muito reproduzido, cujo assunto é uma revista passada ao Batalhão do Comércio nesse ano ([300]).

Algumas Notícias sobre o Palácio. — O palácio continuou a ser habitado e na posse dos Condes da Vidigueira, até que em 1634, penhorado e posto em praça, foi arrematado por um fidalgo Gaspar de Brito Freire, que o manteve na sua posse até 1638.

Nesse ano foi resgatado por um descendente do fundador, o 5.º Conde da Vidigueira e 4.º Marquês de Nisa, D. Vasco Luís da Gama, voltando assim para a casa dos seus antepassados, tendo-o vinculado este fidalgo, que pelo ano 1672 o concluiu, ou fez nele grandes obras.

Mudança do Nome para Palácio do Patriarca. — Mais tarde, por terem os Marqueses de Nisa deixado de habitar o solar, instalou-se nele o 1.º Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida, que aí morava por 1731, e nele morreu em 1754, passando o palácio a ser habitado pelo seu sucessor, o Patriarca D. José Manuel.

Aconteceu então o grande terremoto de 1755; o palácio ficou arruínado, e o patriarca refugiou-se na casa de sua família.

Da residência destes purpurados no palácio provieram os nomes: Palácio e Pátio do Patriarca, por que estes passaram a ser designados, e que duraram até aos princípios do século XX ([301]).

Aplicação do Palácio a Casa de Espectáculos. — No local do palácio arruínado armaram-se várias barracas de gente proletária; em 1812 instalou-se no pátio um teatro, *Theatro Velho da Patriarchal* ou *Theatro do Bairro Alto,* onde representaram

([300]) Pertence ao Visconde de Benagazil, descendente do Comandante deste corpo de milícias, naquela época.

([301]) *Almanach Palhares,* 8.º ano, 2.ª série, 1905, pág. LXX.

companhias ou sociedades portuguesas, espanholas, francesas e inglesas; deram-se ali bailes e espectáculos de títeres, acabando as representações em 1827 ou 1833, sendo o teatro desmanchado em 1836 ([302]).

Demolição do Palácio. — Em 1835 foi intimada a proprietária Marquesa de Nisa a demolir as ruínas do palácio, por ameaçarem a segurança pública, e depois os proprietários das barracas ali construídas entre o Pátio do Patriarca e a Calçada do Duque, a desobstruirem o local, para a regularização do Largo de S. Roque, a que a Câmara Municipal estava procedendo.

Aforamento dos Terrenos e das Ruínas do Palácio a Caldas Aulete. — Esse terreno cheio de ruínas do terremoto de 1755, que ia desde o Pátio da Escola Académica até ao Largo de S. Roque, e no qual se achavam o Palácio Nisa e outras barracas que confrontavam com a cerca da Misericórdia, foi aforada pela Casa de Nisa, cerca de 1836, ao Contador da Relação Francisco José Caldas Aulete, que adquiriu também outros terrenos a nascente destes, como vimos.

Edifício da Companhia de Carruagens Lisbonense. — A Companhia de Carruagens Lisbonense comprou o palácio da Casa de Nisa em 1854, demoliu o resto da muralha da cerca fernandina e os casebres do Pátio do Patriarca, e construiu, posteriormente a 1864, um prédio com uma fachada pomposa no lado oriental do Largo, e com outra mui regular ao longo da Calçada do Duque até à Rua da Condessa.

Passagem dos Edifícios da Companhia de Carruagens para a Misericórdia. — Os edifícios e terrenos da Companhia de Carruagens foram adquiridos pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, por escritura de 26 de Junho de 1926, à Sociedade C. S. Dias de Figueiredo & C.ª, que os havia comprado àquela Companhia em 12 de Setembro de 1923.

([302]) Extracto de *Lisboa Antiga*, 1.ª parte, *O Bairro Alto de Lisboa*, por J. de Castilho, 2.ª ed., vol. I, 1902, capítulos XVII e XVIII.

Ermida de S. Roque. — No alto do monte hoje chamado de S. Roque foi mandada construir pelo rei D. Manuel, cerca do ano 1506, uma ermida dedicada a S. Roque, santo que havia sido tomado para advogado contra a peste que então frequentemente assolava a cidade.

O topónimo Monte de S. Roque não é portanto anterior aos primeiros anos do século XVI.

O adro ou terreiro de S. Roque chamou-se, no século XVII, Sequeiro de S. Roque, e depois Largo de S. Roque. Implantado o regime republicano passou a ser Largo Trindade Coelho ([303]).

Cemitério dos Mortos de Peste. — Um dos locais onde, naquela remota época, a Câmara de Lisboa mandou fazer cemitérios para se enterrarem os mortos de *pestelença* foi no sítio onde se edificou a Ermida de S. Roque. Consta que ficava encostado à muralha da cerca, mas o seu local exacto não se pode hoje identificar.

Regularização do Largo e Padrão Comemorativo. — O Largo de S. Roque foi regularizado no segundo quartel do século XIX, dando-se-lhe uma forma quase quadrada em planta, para o que se demoliu a Torre de Álvaro Pais e a parte do palácio Nisa a ela contíguo.

Depois de regularizado o Largo, como hoje se acha, para comemoração do casamento do Rei D. Luís com D. Maria Pia de Sabóia, em 6 de Outubro de 1862, a colónia italiana residente em Lisboa mandou erigir no centro da praça um padrão desse enlace, a que chamam a Palmatória do Largo de S. Roque, pelo feitio desgracioso que lhe deram, semelhante a uma palmatória de escola. É constituído por uma coluna coroada por um festão em forma de medalha ou de disco, com inscrições em ambas as faces ([304]).

([303]) Deliberação camarária de 4 de Setembro e edital de 18 de Outubro de 1913.

([304]) Pode ver-se o desenho do monumento e as suas inscrições, por exemplo, em *Archivo Pittoresco*, vol. VII, 1864, págs. 305 e 384.

LARGO TRINDADE COELHO, ANTIGO LARGO DE S. ROQUE,
VISTO DO NORTE PARA O SUL

O cunhal, ao centro da vista, do prédio alto, marca o sítio por onde saía a muralha deste Largo em direcção ao sul, pelo meio do quarteirão dos prédios

Foto Ed. Portugal.

Casa Professa dos Jesuítas em S. Roque. — Introduzida em Portugal, em 1540, a Companhia de Jesus, instalou-se ela em 1553 na pequena ermida de S. Roque; mas pouco depois começou a construir no mesmo local uma casa própria, pelos anos 1566 ou 67, ficando concluída a igreja já no reinado do Rei D. Filipe I de Portugal ([305]).

Cerca e Cláustro da Casa dos Jesuítas. — Tinha a Casa de S. Roque, além da igreja e das acomodações para o pessoal e serviços eclesiásticos, uma extensa cerca pela encosta do monte, que chegava até à Calçada da Glória, para o norte, e até à extrema actual da propriedade que foi da Escola Académica, para o lado do nascente.

No edifício havia duas crastas ou cláustros, situados no lado do nascente do convento. No maior, que ficava ao norte do outro, está hoje a sala da extracção das lotarias da Santa Casa da Misericórdia.

Passagem do Edifício dos Jesuítas para a Misericórdia. — Depois da extinção da Companhia de Jesus em 1759, o Colégio de S. Roque, que sofreu poucos estragos pelo terremoto de 1755, foi dado em 1768 à Irmandade da Misericórdia de Lisboa, para aí se estabelecer a roda e hospício dos engeitados. Depois de 1834 foi a administração da Misericórdia confiada a uma comissão nomeada pelo Governo, que fez grandes obras no edifício ([306]). Em 1926 adquiriu os terrenos e edifícios que eram da Companhia de Carruagens Lisbonense, como já dissemos, para ampliar as suas instalações.

Passo de S. Roque. — No lado poente da Torre de Álvaro Pais foi construído, por 1587, um nicho da Procissão do Senhor dos Passos da Graça, substituído em 1699 por uma

([305]) *Chronica da Companhia de Jesu*, por Frei Balthazar Telles, 2.ª parte, 1647, págs. 93 e segs.

([306]) *Chronica da Companhia de Jesu*, pelo P.e Balthasar Telles, 2.ª parte, 1647, pág. 92. — *Archivo Pittoresco*, vol. V, 1862, págs. 293, 295, 311 e 408. — *Idem*, vol. VII, 1864, págs. 273 e 305.

capela ou oratório ([307]), aberto na própria torre, ou encostado a ela, do lado ocidental.

Marcámos na nossa planta a situação do Passo no Largo de S. Roque, segundo um desenho não assinado nem datado que existia no Arquivo do extinto Ministério das Obras Públicas, e de que tirámos cópia.

As dimensões interiores do Passo eram, nessa planta, $4^m,3 \times 4^m$; as exteriores $7^m \times 5^m,8$.

Não eram estas provàvelmente as dimensões da secção horisontal da Torre de Álvaro Pais (que deviam ser maiores); talvez a edícula estivesse apenas encostada à face da torre, ou ocupasse apenas uma parte do seu vão interior, se era ôca.

Demolição do Passo em 1837. — O Passo, que havia ficado arruínado pelo terremoto de 1755, foi reconstruído em 1781. O terreno em que se achava pertencia ao Município, *por estar encravado na antiga muralha da Cidade, tendo o antigo Senado sómente concedido á Irmandade a posse d'aquele sitio, emquanto lhe conviesse,* e por isso julgou-se no direito de mandar retirar, em 1837 e 38 ([308]), os objectos do culto ali existentes.

O Passo foi demolido em 1837 para a regularização do Largo de S. Roque a que a Câmara Municipal mandou proceder.

([307]) *Nosso Senhor dos Passos da Graça,* pelo P.e Ernesto Sales, 1925, págs. 102, 104 e 105.

([308]) *Synopse dos principais actos administrativos da Câmara Municipal de Lisboa* em 1837, 2.ª ed., págs. 15 e 34. — *Idem,* em 1838, pág. 11.

DO POSTIGO DE S. ROQUE AO POSTIGO DA TRINDADE

MAPAS IX E X

Traçado Geral da Cerca entre o Postigo de S. Roque e o da Trindade. — No Postigo de S. Roque começava uma quadrela que, numa planta do local ([309]) dos princípios do século XIX, apresentava uma grande espessura, cerca de $3^m,5$, na extensão de 18^m, cuja finalidade não sabemos explicar, e voltava em seguida para o nascente, com a espessura corrente de 2^m, constituindo um pequeno troço com 8^m de comprimento.

Na extremidade desta pequena quadrela a muralha virava para o sul, formando um lanço rectilíneo, com 83^m de extensão, que em direcção ao Tejo atravessava longitudinalmente o quarteirão de casas compreendido entre a Rua Nova da Trindade e a da Misericórdia, e entre os Largos Trindade Coelho e da Trindade.

De toda esta extensão da muralha entre os Postigos de S. Roque e da Trindade apenas resta um pequeno troço, com cerca de 8^m de comprimento, dentro da loja n.os 11I, 11J da Rua Nova da Trindade; só chega até ao tecto da oficina, a 4^m de altura; e estão nele rasgados dois vãos em arco.

([309]) Planta sem título, data ou assinatura, do Palácio do Conde da Lousã, que esquinava do Largo de S. Roque para a Rua Larga de S. Roque. — No Arquivo do extinto Ministério das Obras Públicas. Está reproduzida, reduzida à escala 1:1.000 no nosso Mapa IX.

Cubelos deste Lanço da Cerca. — No vértice do ângulo que as duas primeiras mencionadas quadrelas formavam existia uma torre, que nos princípios do século XIX ainda se conservava no interior do prédio do Conde da Lousã, que esquinava do Largo de S. Roque para a Rua Larga de S. Roque.

Para o sul deste cubelo estavam pegados à muralha mais dois; um a meio do lanço; outro na sua extremidade inferior; ambos estão representados na *Planta de Lisboa,* por J. Nunes Tinoco (1650) e mencionados em documentos ([310]), mas hoje já não existem.

Cubelo do Meio do Lanço. — Este cubelo ficava contíguo e ao norte dos saguões que ali existem ainda, como consta duma planta antiga do Convento da Trindade ([311]), de que possuímos cópia, e que reproduzimos, reduzida à escala 1:1.000, no Mapa X.

A secção horisontal deste cubelo era quadrada, com 52p. ($11^m,44$) de lado, segundo se infere das medidas dum chão, *em figura de chave,* da propriedade que em 1755 ficava encravada entre o Convento da Trindade e o Palácio do Conde da Lousã ([312]).

Cubelo da Extremidade Inferior do Lanço. — O cubelo inferior ficava no extremo do lanço, no vértice dum ângulo que a cerca aí formava antes de prosseguir para o sul. Este cubelo devia fechar pelo sul uns saguões desaparecidos, cuja largura era 9^m, também saliência presumível da torre sobre o paramento da muralha.

Escada de Acesso ao Adarve. — A meio do comprimento deste lanço da cerca, no sítio correspondente à torre do meio, encostava-se à muralha, da banda de dentro da cidade, ou

([310]) *Convento da Trindade,* maço 3, n.º 84, ano 1584. — *Tombo de 1573,* livro 1.º, fls. 368 e 369, anos 1565 e 1564.

([311]) *Planta terrea do edificio do extinto Convento da Trindade aonde se vai estabelecer o Tribunal da Prefeitura da Provincia da Estremadura,* etc.

([312]) *Tombo de 1755, Bairro Alto,* fl. 237 v.

estava talhada na própria muralha, a escada de acesso ao adarve que na planta citada do Convento da Trindade tem a rubrica *terrasso*.

Postigo da Trindade. — A muralha da cerca fernandina atravessava o sítio do actual Largo da Trindade, e passados 180 anos e tantos anos depois da sua conclusão, quando no Convento da Trindade se fizeram grandes obras de remodelação, e se reconhecia o já pouco valor defensivo da cerca e ao mesmo tempo a necessidade de melhorar a serventia de acesso ao Convento, obtiveram os frades trinos autorização para abrir na muralha um postigo, em frente do adro e da porta principal do convento.

O postigo, que foi aberto em 1556 ou 1560 ([313]), teve primeiro o nome de *Postigo de S.ta Catarina*, que depois se mudou para Postigo da Trindade... *Chãos começam do postigo do mosteiro da Trindade que se abriu novamente no muro defronte da porta principal do dito mosteiro* (1584) ([314]).

Na vista *Olissippo* do *Theatrum Urbium*, de Jorge Bráunio (1593), aparece designado por *Porta q̃ dicitur postigo da Trindade*.

O postigo ficava contíguo ou mui perto da torre por que terminava inferiormente o lanço da muralha que estamos considerando; e a serventia do postigo, origem do actual Largo da Trindade, foi aberta à custa duma nesga dum chão que fora aforado em 1548 ao sul da torre e ao poente do postigo, nesga que media 128p. ($28^m,2$) de comprimento no sentido leste-oeste, e 23p. ($5^m,1$) de largura no sentido norte-sul ([315]). Seria portanto $5^m,1$ a primitiva largura com que ficou a serventia do Postigo da Trindade.

([313]) *Historia Chronologica*, etc., por Fr. Jerónimo de S. José, tomo I, 1789, págs. 179 e 364.

([314]) *Convento da Trindade*, maço 3, n.º 84.

([315]) *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 216.

A Igreja e o Convento da Trindade, que estavam num beco sem saída, ficaram desta forma com uma serventia franca e livre para uma boa via pública, que era a Rua que ia da Porta de S.ta Catarina ou de N. S.a do Loreto para S. Roque (316).

Tanto em 1625 como em 1650, nas vistorias feitas aos muros e portas da cidade para os pôr em estado de defesa, propôs-se tapar o Postigo da Trindade; no último ano já não tinha portas de madeira (317).

Demolição do Postigo da Trindade em 1682. — No ano 1682 os frades trinos, alegando que o postigo *sendo muito apertado e estreito, fazendo muito ruim passagem aos coches e liteiras que por ali passam, ficando a rua pouco vistosa e mal assombrada; e porque o tal postigo não se entende que será necessário para guarda da cidade, porquanto ha muitos annos que não tem portas, e derribando-se fica esta cidade, por esta parte mais ennobrecida e melhor servida, pedem a V. Alteza lhes faça mercê dar-lhes licença para derribar o dito postigo á sua custa, e para se poderem valer da pedra d'elle para fazerem as obras que fazem na rua larga de S. Roque* (318). Tendo tido deferimento esta pretensão, é natural que o postigo e o seu muro tenham desaparecido em 1682.

Vestígios dos muros do postigo, *assim da parte do convento, como da outra banda da rua que sae para a de S. Roque,* ainda se conservavam em 1750 (319); hoje já não existem.

Aforamento dum Chão, Extramuros, ao Conde da Vidigueira. — Do lado de fora deste lanço da muralha, na Rua Direita do Mosteiro de S. Roque, ou Rua Pública que vai de N. S.a do Loreto para S. Roque, tinha a Cidade um chão

(316) *Tombo de 1573,* livro 1.º, fl. 347.
(317) *Elementos,* etc., tomo III, pág. 168; tomo V, pág. 202.
(318) *Elementos,* etc., tomo VIII, pág. 452.
(319) *Demonstração Historica,* etc., por Fr. A. da Conceição, pág. 196.

onde estava feito um monturo grande, e por isso pouco apetecido ([320]), que por ela foi aforado em 12 de Dezembro de 1564 ao Conde da Vidigueira Almirante D. Francisco da Gama ([321]).

Esse chão é o ocupado pelos prédios da referida rua, desde o Largo Trindade Coelho (ou de S. Roque) até ao da Trindade, na extensão de 96v.2p. (106^{m}); ao sul partia com *serventia que vem do postigo novo que se abriu defronte da porta principal do mosteiro da Trindade para a rua direita de S. Roque; desde o cunhal da Torre que está pegada a ele* (postigo) *até á dita rua direita de S. Roque, indo ao longo da dita torre* (media) 22v. (24^{m},2); ao norte partia com o *chão que fica entre a torre que está além da humbreira do dito postigo novo junto de S. Roque e o chão acima medido* (o deste aforamento) *e tem de largo até o canto do muro e torre* 24v.2p. (26^{m},8).

Aforamento da Parte Meridional deste Chão a D. Manuel de Portugal. — Uma parte do chão anterior foi por sua vez aforado em 12 de Março de 1565 a D. Manuel de Portugal, da Casa Vimioso. Era a parte meridional, na extensão de 63,5v. (69^{m},85), e deixava de fora o terreno ao norte, junto à serventia do Postigo de S. Roque, onde mais tarde se construiu o prédio nobre que foi do Conde da Lousã ([322]); do lado do levante partia com o *muro e torres* da cidade, isto é, com a torre do meio do tramo, e com a do extremo deste, no Largo da Trindade, pois que ambas estavam abrangidas nos 69^{m},85 da extensão do chão aforado. Correspondia este prazo aos actuais prédios n.ºs 60 a 104 da Rua da Misericórdia.

Palácio de D. Henrique de Noronha a S. Roque. — Houve na esquina noroeste do quarteirão que estamos estudando um

([320]) *Miscellanea*, etc., por Miguel Leitão de Andrade, ed. de 1629, pág. 195.

([321]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 369.

([322]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 368.

palácio que foi construído, cerca do ano 1647, por D. Henrique de Noronha, Capitão-mor de Ormuz ([323]). O seu local correspondia aos prédios n.os 106 a 122 da Rua da Misericórdia.

Em 1755, quando aconteceu o terremoto que o incendiou ([324]), pertencia ele a D. João de Lencastre, Vice-Rei da Índia, e nos princípios do século XIX era do Conde da Lousã.

Tinha a frente principal para a Rua Larga de S. Roque, e outra frente para o Largo de S. Roque.

Mais tarde foi reconstruído, então dividido em dois prédios de rendimento, que tem respectivamente os n.os 106 a 116, e 118 a 122, para a Rua da Misericórdia, e o do norte também os n.os 3 a 8 para o Largo Trindade Coelho.

Outros Prédios do Lado de Fora deste Lanço da Muralha. — No restante chão para o sul, até ao Largo da Trindade, edificaram-se várias casas, que no primeiro quartel do século XIX eram dois grandes prédios; um pertencente ao Hospital de S. José e outro ao Convento da Trindade, como mostra o nosso Mapa IX; naturalmente reconstruções posteriores ao terremoto de 1755.

Rua da Misericórdia. — A Rua Larga de S. Roque foi mandada abrir por carta de D. Sebastião para o Senado da Câmara, datada de 8 de Janeiro de 1569 ([325]). Sucedeu a um antigo caminho que das Portas de S.ta Catarina subia pela encosta do monte de S. Roque para os moinhos de vento e arrabaldes ao norte da cidade.

Chamava-se, como já vimos, Rua Direita do Mosteiro de S. Roque, ou Rua pública que vai de N. S.a do Loreto para S. Roque, ou Rua de S. Roque ([326]), ou Rua Larga de S. Ro-

([323]) *Chronica da Companhia de Jesu*, pelo P.e Balthazar Telles, 2.a parte, 1647, pág. 93.

([324]) *Tombo de 1755, Bairro Alto*, fl. 237 v.

([325]) *Livro 2.o de El-Rei D. Sebastião*, pág. 49, citado por Matos Sequeira em *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 278.

([326]) *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pág. 22.

que ([327]), denominação esta que perdurou até à implantação do regime republicano. Mudou-se-lhe então o topónimo para Rua do Mundo, e depois para Rua da Misericórdia ([328]).

Rua ou Travessa de João de Deus. — Do lado interior da cerca fernandina o lanço da muralha que estamos considerando começava por formar um recanto, como dissemos, entre as duas quadrelas que convergiam em ângulo recto na primeira torre deste lanço da cerca. Esse recanto está hoje preenchido com os prédios n.os 17 e 19 da Rua Nova da Trindade, esquinando para o Largo Trindade Coelho, onde o segundo tem os n.os 1 e 2; no andar do último citado prédio, que fica abaixo do nível da rua, estão instaladas as oficinas de impressão do jornal *A República*.

No século XIV continha aquele recanto 3 ou 4 chãos, que pelo Convento da Trindade foram aforados a várias pessoas ([329]), entre as quais uma chamada João de Deus ([330]), cuja casa era a que esquinava da Rua que recebeu o seu nome para a que ia para o Postigo Novo de S. Roque ([331]) (Calçada do Duque); correspondia ao prédio n.os 1 e 2 do Largo Trindade Coelho que torneja para a Rua Nova da Trindade.

Os chãos e casas mencionadas tinham a frente para a rua que começou por ser designada por: Rua do Olival, ou Rua Segunda que foi Olival ([332]), mas que em 1558 já se chamava Rua de João de Deus ([333]).

([327]) *Corografia Portugueza*, pelo P.e A. Carvalho da Costa, tomo III, 1763, pág. 473.

([328]) Deliberações camarárias respectivamente de 29 de Outubro de 1910 e de 12 de Agosto de 1937, e editais respectivamente de 18 de Novembro de 1910 e de 19 de Agosto de 1937.

([329]) *Mosteiro da Trindade*, livro 77, fl. 24 v., ano 1588.

([330]) *Mosteiro da Trindade*, livro 75.º, fl. 6 v., ano 1558.

([331]) *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 179.

([332]) *Mosteiro da Trindade*, livro 70, fl. 192 v., ano 1521; fl. 249, ano 1542. — *Idem*, livro 76, fl. 148, ano 1576.

([333]) *Mosteiro da Trindade*, livro 75, fl. 6 v., ano 1558; fl. 74 v., ano 1561. — *Idem*, livro 77, fl. 130, ano 1595.

Esta rua era formada por dois troços que faziam entre si um ângulo de 77°.

O troço superior, na direcção norte-sul, e com a extensão de 31^{m}, desembocava na Rua de Álvaro Pais (Calçada do Duque), e correspondia ao troço setentrional da actual Rua Nova da Trindade, desde a Travessa de João de Deus até ao Largo Trindade Coelho.

Em parte dessa extensão, até onde topejava com o muro da portaria da Trindade, foi a muralha da cidade arrazada até ao nível da rua, talvez já para a construção do Palácio do Conde da Lousã, e portanto antes da abertura da actual Rua Nova da Trindade. A parte conservada da muralha ficou servindo de muro de suporte do terreno desta rua, que está mais alto do que as casas subterrâneas dos prédios n.ºs 17 e 19 que nesse lugar se construiram, um dos quais (n.° 17) está hoje (1948) demolido, porque ameaçava perigo de desabamento.

O outro troço da Rua de João de Deus, na direcção leste-oeste, costeava o muro da cerca dos trinitários, e também ainda se conserva, com o nome de Travessa de João de Deus.

Portaria do Carro. — Junto da engra que formavam os dois mencionados troços da Travessa abria-se no muro da cerca conventual a portaria do carro do Convento da Trindade, facto que também deu o nome à via pública: Travessa da Portaria do Carro da Trindade ([334]).

Convento da Trindade. Ficava Contíguo à Cerca Fernandina. — Da portaria da cerca do Convento até ao actual Largo da Trindade, da banda de dentro da cidade fernandina, ficava o edifício do Convento de Frades da Ordem da Santíssima Trindade, abreviadamente chamado Convento da Trindade.

([334]) *Livro da Fazenda do Convento da Trindade*, n.° de ordem 452, fl. 166, ano 1763.